

Pai Edu na TV

A respeito do título "Pai Edu na TV", do missivista sr. Odorico Medrado, venho aqui discordar do mesmo nos seguintes pontos: calcinhas, sutiãs, desodorantes e absorventes íntimos, barriguinhas para dentro, bundinhas para fora bustos femininos desnudos; pai Edu, "Seu Sete", Clodovil, são aspectos do cotidiano, ouvidos, vistos e sentidos por uma grande maioria de brasileiros, dentro de nossas casas e qualquer lugar, a todo momento, por crianças, jovens e velhos. São coisas, pois, comuns e naturais. Nada vejo de desrespeitoso nelas, e principalmente se são televisadas. Quanto ao pai Edu especificamente, pode ele usar as blusas, os colares, as toucas e os anéis que quiser, contudo ele é uma das figuras de destaque de Olinda, do mesmo modo que o estrangeiro recorda-se de Pelé ao falar de

Brasil. Fosse pai Edu desrespeitador ou desrespeitado não receberia em seu palácio visitantes tão ilustres como o escritor Gilberto Freyre, como o poeta Caetano Veloso, e mais recentemente a Primeira Dama do Estado. Candomblé, Xangó, Nagô e outros ritos e crenças fazem parte da nossa cultura, e a propósito, seis livros de excepcional valor cultural e pedagógico já foram publicados pelo Pai Edu, tendo sido dois deles prefaciados pelo Gilberto Freyre. Portanto sr. Medrado, pelos motivos que ressaltou respeito suas críticas, mas acho que desrespeitadora e terrível é a violência, que salta para dentro de nossas casas, diariamente através da TV, e esta é a que devemos combater, e a este respeito acredito que o senhor concordará comigo.
Artur Galileu M. Coelho —
Olinda

Curso em Nagô

Maria Bernadete da Luz, mais conhecida nos meios artísticos por Bé, está ministrando um curso no Centro de Cultura Luís Freire, em Olinda, nas terças, quartas e quintas, das 20 às 22 horas, sobre todos os aspectos relacionados com a cultura afro-brasileira, especialmente o que se refere ao dialeto, pé de dança (coreografia no ritmo africano, ao som de atabaques), músicas, culinária (com aulas teóricas e práticas), etc. O curso tem duração de três meses, com entrega de certificados, no final. Maiores informações podem ser obtidas pelos telefones 429-2612 e 429-1703.

Maria Bernadete da Luz conviveu durante quatro anos com um sacerdote da seita de umbanda e nagô, quando iniciou um trabalho de pesquisa sobre a cultura afro-brasileira, que vem sendo desenvolvido até agora, inclusive com a participação no Grupo Negração, durante dois anos. Bé é uma pessoa muito ligada ao movimento teatral do Recife, participando do sistema de produção de espetáculos no desempenho das mais diversas tarefas, tais como contra-regra, secretária de produção, bilheteria, etc. com diversos grupos.

Ainda o Pai Edu

A propósito da carta Pai Edu na TV, tenho a dizer ao sr. Odorico Santos Medrado que a televisão educa e que há um equívoco quanto a Seu Sete, "espírito" que baixa numa mulher do Rio de Janeiro. Clóvis Bornay e Clodovil continuam atuantes na TV e Pai Edu tem sido prestigiado pelas mais altas autoridades do Estado; talvez a insegurança do missivista tenha sido agredida pelo "decote generoso" a tal ponto de ficar em cima do muro entre continuar vendo ou desligar o receptor, ao que tudo indicava viu até o fim.

Pai Edu tem importância universitária, deve ser visto, e é tanto assim que os professores de antropologia levam suas

classes para estudo das manifestações "folclórico-religiosas", o Palácio de Iemanjá não é exceção.

A TV—U jamais desrespeitaria o seu público, principalmente tendo à frente um homem da envergadura moral do professor Humberto Vasconcelos.

Sr. Odorico, não é o "sinónimo Glúteo menos chocante" que dá segurança masculina ao homem, mas a espontaneidade e a possibilidade de uma identificação psicológica sadia com a figura parental mais próxima e do mesmo sexo.

Toda repressão é castradora e indício de que o repressor não está seguro do que reprime. Ricardo Menezes. — Olinda.

Pai Edu vai lançar novo romance amanhã

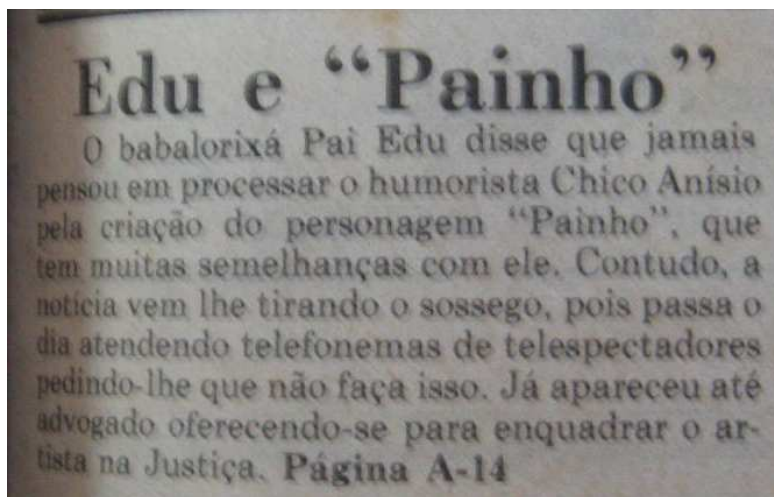
O babalorixá pai Edu vai lançar, amanhã, às 21 horas, no Palácio de Iemanjá, em Olinda, o seu quinto livro e o segundo romance: "O Capeta da Casa Grande", onde relata as aventuras de um garoto escravo na aristocracia canavieira do século passado. A obra literária é prefaciada pelo senador e candidato a governador Marcos Freire, para quem o livro aborda numa narrativa inteligente as raízes e costumes da raça brasileira.

Além da noite de autógrafos, pai Edu organizou para amanhã uma "ceia para os pretos velhos", em homenagem ao dia da Abolição da Escravatura. Ele informa que os convidados, entre os quais o prefeito Germano Coelho, o candidato a prefeito de Olinda José Arnaldo, Gilberto Freyre, e Fernando Coelho, se servirão numa mesa de comidas típicas do Nordeste.

Ao comentar "O Ca-

peta da Casa Grande", pai Edu explica que o romance conta a história de um menino negro, que é aceito na Casa Grande e é introduzido nos hábitos dos senhores de engenho, ao mesmo tempo em que uma peste assola a cidade onde ele vive. O desfecho dramático do livro ocorre quando a mãe do garoto, a negra Genoveva oferece a lançar a própria vida para salvar a comunidade das enfermidades.

O segundo romance de pai Edu (o primeiro Magdala, de temática erótica, está com a edição esgotada) tem uma tiragem de mil exemplares e será vendido apenas na Palácio de Iemanjá. "Não tenho pretensões de ganhar dinheiro com a literatura. Escrevo para os que gostam de mim e para expressar-me literariamente". E a Academia Pernambucana de Letras, pai Edu? "Por enquanto, não estou pensando nisso. Talvez, depois, quem sabe...?"



Diário de Pernambuco -23/05/1982: Edu assume Painho: Eu sou assim e me sinto completo, capa.



Pai Edu, cercado pelas filhas-de-santo e afagando o cão, nega que vai processar Chico Anísio

Enquanto "Painho", o novo personagem de Chico Anísio, está dando Ibope, há quem diga que Pai Edu, provavelmente a musa inspiradora do humorista, está para processar o artista. O babalorixá nega: o "Chico está jogando seu abaitolar para cima de todo mundo, como se fosse uma coisa ruim.

Se ele tivesse me consultado, eu teria ensinado que abaitolar é amolegar, agarrar, apalpar alguma coisa, mas na Umbanda, no Candomblé, abatolá (não abaitolar) representa Deus e significa proteção. Mesmo assim, "Painho" é sensacional. Se foi inspirado em mim (das vezes em que ele veio a Pernambuco esteve aqui na minha casa) assumo perfeitamente, porque sou assim e é assim que me completo".

E desabafa: "Tem mais: se ele fizesse um Pai-de-Santo sem almoçadas e muita frescura, não estaria fazendo tanto sucesso com o público. quem quiser que ponha a carapuça na cabeça... Ave!! Deus me livre de processar um homem como aquele tão inteligente, que faz a alegria nacional e, além de tudo, é meu amigo!... Vocês acham que eu teria coragem de colocar um **filho** na Justiça, quando ele está apenas defendendo o seu pão?"

em Justiça, quando está apenas defendendo o seu pão?"

FESTA NA CASA DE PAINHO

Pai Edu, ou Edwin Barbosa, dono do Palácio Iemanjá, em Olinda, ao contrário de "Painho", vai dormir às 3, 4 horas da manhã, cuidando de seus dois bares, e acorda às 6 horas para ler o jornal e depois cuidar das obrigações da seita. E ainda arranja tempo, refugiando-se longe do Palácio, para escrever. É autor de cinco livros e se considera em condições de candidatar-se à Academia Pernambucana de Letras. Começou com "Magdala Cigana", depois escreveu "Exu, o Mensageiro", "Presença Africana e Religiões Brasileiras" (Prefácio de Gilberto Freyre), "Zé Pilintra e Exu" (relatando o quanto seu guia espiritual deu proteção ao Clube Náutico Capibaribe), e, por último, o recém-lançado "O Capeta da Casa Grande", com 482 páginas e prefácio do senador Marcos Freire, que trata dos usos e costumes do senhor-de-engenho e do negro escravo.

Esforçando-se para não ser conhecido apenas como pai-de-santo, Edu vai agora organizar um pastoril ambulante, com dois mil figurantes, entre moças e rapazes, que ele pretende será o maior do mundo. Também já gravou um LP e escreveu uma peça teatral "O Lamento Negro".

Por isto, as gozações em torno de "Painho" — que não faz nada o dia todo, dorme bastante e só quer saber de muita frescurinha —, não o afetam. Ele sabe que tudo não passa de uma brincadeira, que não desrespeita a seita nem o

prejudica. A única coisa que o está incomodando (e admite que o mesmo problema esteja se passando com outros pais-de-santo) é não ter mais sossego. O telefone toca o dia inteiro, e, na rua, ele é constantemente abordado: "Pai Edu, é verdade que voce vai processar o Chico Anísio? Não faça isso. A gente adora "Painho". Já apareceram até advogados oferecendo-se (evidentemente que para ganhar dinheiro) para enquadrar o artista na Justiça.

O importante de tudo isso — explica — é que o Chico descobriu a Umbanda e viu o quanto esta seita é importante e está em evidência. Como aconteceu com tantos artistas, políticos, jogadores de futebol e outras vítimas da insatisfação da vida.

"Jamais pensei em processar Chico Anísio, como insinuaram alguns falsos jornalistas. Mesmo porque ele é um grande amigo e admirador da minha pessoa, pois já esteve na minha casa, consultando, e viajou comigo, ao lado de Clara Nunes, ocasião em que iam dar um show em João Pessoa, no Hotel Tambaú. Ele até recebeu do meu guia Zé Pilintra, um chapéu de palha — que significa casa, proteção —, uma quenga de coco, onde bebeu caçaça; um lenço vermelho com que se faz gravata, além de ter desabafado toda a sua insatisfação doméstica/sentimental".

Chico que interpreta "Painho" que imita Edu que agora — mesmo a contragosto — também recebeu o mesmo apelido de suas filhas, está perfeito no personagem que encarnou. Esta é

também a opinião de Edu, lembrando que corpo muito magro do artista, diferente do seu, mais para gordinho e com uma barriga pronunciada, aliada ao seu grande talento, ajuda nos trejeitos e resulta numa baita interpretação. "Ele tinha mais era que fazer de "Painho" um falso pai-de-santo, que vive dormindo e botar muita frescura nisso. Senão, baba, não ia encontrar público para discutir, aceitar ou protestar".

Não há nada desse escangalho que espalharam por aí — ressaltou. "Assim, ele estaria incomodando também a Simone que em seus shows, quando canta "Felicidade é uma cidade pequenina, uma casinha, uma colina" provoca risadagem da platéia, por ser a música predileta de "Painho". E ela está se importando com isso?"

"— Eu também não. Daí que ninguém deve acreditar em coisas que não falei. Nunca disse que iria suspender minhas rezas por Chico Anísio, nem que o condenaria como outras religiões condenaram São Jorge para dar lugar a outros santos. Muitos que colocaria o nome dele na boca de um sapo. Não posso ser Deus e ao mesmo tempo o Diabo. É, porque tem gente que com uma mão alisa, e com a outra dá uma bofetada. Não sou disso. Ele está fazendo o papel dele. Da próxima vez que ele vier a Pernambuco, até vou lhe sugerir a criação de outros personagens, ou mesmo lhe recomendar algumas frases para serem ditas por "Painho", que farão o público deitar e rolar..."

Segundo Edu, o quadro é maravilhoso e dá mais lucro para o ar-



O babalorixá diz que "Painho" é sensacional

tista que para a fonte inspiradora. Com a vantagem de que quando cansar o público, Chico Anísio poderá vender o passe das mulatas para o Sargentelli, dono do "Oba-Oba", enquanto que se tivesse escolhido autênticas filhas-de-santo como as suas, no máximo só poderia oferecer meizinha, rezar ou fechar corpo.

"Hoje ele imita um falso pai-de-santo" — resalta. "Amanhã, imitará um falso presidente da República; depois, um falso religioso de outras seitas como um papa ou um pastor protestante; e, em seguida, poderá rever o, quadro de Denner, o saudoso costureiro — Lixo ou Lixo —, com o qual, aliás, na minha opinião, ganharia três vezes mais Ibope, ainda mais que sua estrutura física se assemelha à do costureiro, que tinha constantes dores nas costas. Como Denner, ele usaria a seiva verificadora da razão e poderia criar vários modelos para as grandes damas da sociedade, deixando uma parte bem elástica nos lugares de maiores saliências do corpo... Esta minha observação, aliás, fica para os entendidos..."

Edu é filho de Iemanjá; Chico Anísio de Xangô, pai da justiça, da

parte bem elástica nos lugares de maiores saliências do corpo... Esta minha observação, aliás, fica para os entendidos..."

Edu é filho de Iemanjá; Chico Anísio de Xangô, pai da justiça, da libertinagem, da criatividade. Desfeitos os mal-entendidos, ele manda que joguem flores no amigo, o artista, que continua merecendo toda a sua admiração e que considera o maior humorista do Brasil. E lembrando um outro Chico, o Buarque, de quem também é fã, diz, brincando "... nem na Geni!"

Entrevistamos Pai Edu na última sexta-feira, dia de Orixalá (Senhor do Bonfim). Ele estava fazendo a sesta (aliás, depois confessou que recomendara às filhas para não dizerem à repórter que estava dormindo àquela hora, por causa das gozações em torno de "Painho"), depois de uma manhã de casa cheia e muito trabalho, em que distribuiu comunhão às filhas, um arroz especial para fortificar das quedas sociais e sentimentais e livrar das doenças. "Das Dores, teve festa na casa de Painho?" perguntaram a uma das filhas de Pai Edu.

DP — Quantas filhas você tem, Pai Edu?

Edu — "Ave!! Nem sei. São tantas, que não dá prá contar. E como eu gosto dessas neguinhas".

E assim termina a história. Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma perna de pato. Seu Rei mandou dizer que contasse quatro, porque em novembro tem eleição. Fica, então, o dito pelo não dito. O que, assim mesmo, ainda vai gerar polémica, neste País, onde o povo passa fome mas com TV, carnaval, futebol, e, agora, com a guerra das Malvinas, esquece. Saravá, Stanislaw Ponte Preta. O festival da besteira continua assolando o País!

O Brasil e a África

Vasconcelos Costa

O conceito de fronteira teve, dentro do Direito Internacional Público, expressiva evolução, já que, no período carolíngio, quando começou a ser concebido, através do início das partilhas territoriais, ainda significava o limite, a linha natural ou geodésica, que estabelecia o domínio espacial entre dois Estados. E, na conjuntura atual, a região, ou a zona, que se estende, de um e de outro lado da delimitação dessa soberania, sem, contudo, apresentar área uniforme e de extensão regular, que fica a depender da expressão territorial de cada Estado que separa.

Modernamente, situou-se até no plano das ideologias e mesmo na psiquiatria, onde se procura definir o fronteiro como o indivíduo já no limiar da síndrome psicótica.

Segundo as normas do Direito Internacional, já evoluiu para a conceituação de faixa de interesses nacionais, podendo estender-se, assim, extraterritorialmente, até onde chegarem os raios da projeção política e econômica de um Estado, ou de um bloco da comunidade sociária interestatal.

A política exterior brasileira teve, no passado, quando da formação territorial do Estado, ainda sob o controle lusitano, várias fronteiras políticas, na região do cone sul, quando da demarcação de limites com os espanhóis, depois no problema da incorporação do Acre, e nas questões lideiras com as Guianas francesa e inglesa.

Superamos, na época, a influência das bulas papais, francamente hostis aos interesses do Brasil, os tratados de Tordesilhas, de Utrecht, de Madrid, de El Pardo, de Santo Idelfonso, até a Paz de Badajoz, já quando havíamos conseguido inúmeras vitórias, com base no princípio do "uti possidetis", arguido por Alexandre de Gusmão.

No presente, novas e diferentes fronteiras, que determinam os nossos interesses políticos e econômicos, ora se fixam no Prata, na batalha diplomática de Itaipu; na Antártida, através da doutrina da defrontação territorial, com a projeção dos meridianos da ilha de Martin Vaz e do Arroio Chui, sobre o continente austral. Agora, outra e importante fronteira política se projeta, também com base na defrontação, além do Atlântico, na luta por um maior relacionamento com a África Central.

País multi-racial, o Brasil teve, no início da colonização, a contribuição da imigração africana, parte dos oito milhões que cruzaram o oceano nos porões das caravelas e se espalharam pelo sul dos Estados Unidos, América Central e algumas nações do hemisfério meridional. Assim, nos impõem a origem étnica e os reflexos culturais que dela advieram, um maior estreitamento de contatos econômicos e políticos, que firmarão princípios comuns de convivência e propiciarão o estabelecimento de bases de defesa das nações que se formam, de um e outro lado, no Atlântico Sul.

O grande bloco monolítico de mais de trinta milhões de quilômetros quadrados, até fins do século XIX, não tinha espaços de soberania registrados nas cartas geopolíticas do planeta e agora, está sujeito a novos colonialistas que, sob o disfarce de proteção, têm inconfessáveis e evidentes interesses dinásticos, que põem em risco a soberania dos Estados defrontantes, no continente americano.

Com o advento da era da industrialização da Europa, estabeleceu-se a corrida para a conquista de terras africanas, inicialmente através do estabelecimento de missões religiosas, da remessa de exploradores, como Livingstone, Stanley, Brazza, Serpa Pinto e outros e, após, com a criação de empresas ultramarinas de exploração comercial, também chamadas de companhias de carta, que transformavam as regiões ocupadas em simples colônias e protetorados.

Os franceses ocuparam o Senegal, a Argélia, o Império Xerifiano, incorporaram o baixo Congo, os pigmeus, a nação fulbé, o Tchad, a ilha de Madagascar, com o domínio dos malgaches. Já os belgas derrotaram os watusis, no Congo, e os sultanatos de Ruanda e Burundi, incorporando-os ao império.

Os ingleses esmagaram, no cone continental, os zulus, os swasis, os boximanos do Kalaari, os bantos, os hotentotes; os Massi, do Kênia; os ashantis e os Andros, do Daomé e da Costa do Marfim; anexaram as regiões do Níger à coroa britânica; ainda os matabeles e sudaneses; Koptas e núbios, no Egito, enfim, quase todas as popula-

ções melamodernas, desde o delta do Nilo, até o Cabo da Boa Esperança, com a formação de um formidável império Colonial, que alcançou o apogeu com a rainha Vitória.

Também não escaparam à voragem conquistadora os bérberes do Magreb, os nômadas, as tribos dos volups, dos tuculores, dos saracoleses, da África norte-oriental.

Os portugueses que se estabeleceram em Moçambique, em Luanda, na Huila, Cubango, Malangue, Bié, Benguela, Moçâmedes, dominando todos os sobas de Angola e incorporaram, ainda, a Guiné, na parte norte-ocidental do continente, implantando um império que ia, no rastro de Serpa Pinto, quase da embocadura do Guanza até as barrancas do Zambeze, no extremo oriental da África.

Nem as regiões desérticas do Saara, do Kalaari e do Namib escaparam à sanha voraz dos colonizadores.

Se rebuscarmos o passado, iremos encontrar culturas arqueológicas, no Império Mali, nos reinos de Songhai, de Haussa, de Bornu, de Benin e Ife, além do Estado de Ghana, que atestam a existência de pretéritas civilizações adiantadas, abaixo do Saara, mas, toda essa tradição sucumbiu, sob o jugo dos conquistadores.

Pelo Egito, que teve períodos de esplendor, passaram os fenícios, que se estabeleceram, mais tarde, em Cartago, depois os gregos, romanos, árabes, turcos, franceses e ingleses. Os árabes estenderam o Império Muçulmano, ao longo do setentrião africano, passando a dominar, depois de Maomé, no ano 632 de nossa era, desde, o Senegal, até o Mar Vermelho, tendo como capitais as cidades de Tunis e do Cairo. Entraram, no entanto, em decadência com a expansão dos turcos otomanos, que destruíram o Império Bizantino, nos séculos XIV e XV.

Já muito antes, durante o período do califado Omiada, os bérberes estiveram unificados, mas, na era da dominação Abássida, surgiram reinos independentes, logo depois dominados pelas potências européias.

A influência lusitana iniciou-se com o Príncipe Henrique, o Navegador, com Bartolomeu Dias, contornando o Cabo das Tormentas e Vasco da Gama, chegando até as Índias.

Foi no século XVI, todavia, que se iniciou propriamente o capítulo histórico do Atlântico, quando o Papa Alexandre VI passou, através de bulas, a distribuir terras em nome de Deus — que aliás, não tinha poder temporal — à Espanha, no Novo Mundo, e à Portugal, parte do território brasileiro e direitos sobre a África e Ásia.

O Continente Negro ficou, assim, exposto à dominação estrangeira durante séculos, até que, dentro dos princípios firmados, depois da segunda guerra mundial, as antigas colônias se foram constituindo em Estados soberanos. Os ingleses, inteligentemente, constituíram a British Commonwealth, congregando algumas daquelas que lhe pertenciam, através de vínculos comerciais e culturais. Os portugueses cometeram um grande erro tático, tentando, em um mundo conturbado de nacionalismo, perpetuar a sua soberania sobre os territórios que ocupavam. E, assim, deixaram passar a grande oportunidade de, com o suporte do Brasil, constituir a Comunidade Afro-Luso-Brasileira.

O espetáculo da independência angolana ensejou a criação de um quadro difícil, no panorama geopolítico do Atlântico Sul, com a presença, na área, de russos e seus sequazes cubanos sob o disfarce de protecionismo, mas com propósitos nítidos de um neocolonialismo que pretendem implantar, onde quer que encontrem condições propícias.

E é por isso que o Brasil, como guardião do Atlântico Sul, cabe projetar-se, além do oceano, para a nova fronteira, que permitirá ao Estado irmão manter a sua soberania política, livre da ação catalítica de indesejáveis colonialistas do século XX.

Empresas brasileiras vão conquistando mercados no continente negro, sendo a precursora dessa penetração comercial a VARIG, que, desde longa data, estendeu as suas rotas para o Senegal, África do Sul e Nigéria, prestando, assim, relevante serviço a este País. Muitas outras, na construção de ferrovias e atuando em vários setores, têm se estabelecido em diferentes Estados africanos, levando aos povos irmãos além do Atlântico a tecnologia, o know-how, o esforço construtivo e, sobretudo, estreitando os elos das afinidades que nos unem.